



Carta sonora para D. Antonia

Apresentação e edição: Valéria de Paula Martins

Masterização: Leobaldo Prado

Arquivos em pdf: Marcela de Lima Pereira

vinheta de abertura

Eu gosto de cartas. Tanto de enviar quanto de receber.

Sei que é hábito já antigo. Raro, hoje em dia.

Mas, hoje em dia, há também outras formas de enviar ou receber cartas além daquela em que saudamos o carteiro na porta de casa, observamos selos e abrimos com pressa o envelope. Ou vamos em uma agência do correio encaminhas as nossas.

Há as cartas por e-mail, vídeo ou áudio em aplicativos e redes sociais.

Sensibilidades Antropológicas
suspiros sonoros com inspiração na arte de fazer antropologia



E há as que podemos emitir por meio de um podcast, como tenho feito aqui no *Sensibilidades Antropológicas*. Cartas sonoras.

A de hoje endereço à Dona Antonia Alves, cantadeira, agricultora, habitante das imediações do córrego do Machado, no Médio Jequitinhonha, minha anfitriã e querida interlocutora de pesquisa.

Conheci Dona Antonia em fevereiro do ano de 2008, quando fui ao vilarejo de Machado, onde ela morava na época. São portanto quase 15 anos de contato, convívio e construção de uma relação que já é hoje uma relação de amizade.

O meu nome é Valéria de Paula Martins, eu sou antropóloga e professora na Universidade Federal de Uberlândia, em Minas Gerais.

Se você quiser entrar em contato com a gente, comentar algum episódio, partilhar algo ou trocar ideias, segue lá no Instagram o [@sensibilidades.antropologicas](https://www.instagram.com/sensibilidades.antropologicas)

Sensibilidades Antropológicas
suspiros sonoros com inspiração na arte de fazer antropologia



Nosso podcast faz parte da rede kere-kere de podcasts em antropologia, juntamente com outros que discutem temas e questões antropológicas pelas bandas sonoras.

música instrumental suave
volume abaixa enquanto a narração inicia

A senhora deve estar estranhando receber essa carta poucos dias depois de a gente ter se falado pelo telefone.

A senhora me ligou pra dizer que tinha me visto sem eu te ver.

Ehh, DVD do Nove... Um dos primeiros registros que fiz do rito, brinquedo musical, e que compartilhei com vocês.

Como aquelas imagens dão saudade na gente, né?



É como a gente cantou aquele dia pelo telefone, enquanto a senhora me falava os nove que tinham passado na televisão.

Ah, falar nisso, lembrei da chamada linda que esqueci naquele dia. Cantarolo, já que a gente se comunica bem assim: “É de vera, companheiro, Senhor dono da função/ Assegura que eu lá vou, Oh, meu cravo roxo, isso é meu coração/ Meu peito criou asa, Senhor dono da função/ Meu coração avuou, Oh, meu cravo roxo, isso é meu coração...” lembra? Depois, no próximo telefonema, eu acabo de cantar ela para a senhora. Mas acho que a senhora já se lembrou...

Gostei de saber das novidades daí, o galinheiro evitando a cobra papa-pinto, o quiabeiro e outras plantas. E tenho rido esses dias me lembrando da história de ter chão com grama. Pagar água pra aguar grama [risos].

Como já rimos, né, D. Antonia? A senhora sabe que te acho engraçada e rio muito das suas histórias, e também dos sonhos que a senhora já teve e me contou.

Aprendi também com eles e com as tantas histórias – engraçadas ou não – que a senhora já me contou e me conta.

Sensibilidades Antropológicas
suspiros sonoros com inspiração na arte de fazer antropologia



E aprendi muito vendo a senhora – nos Noves, em casa, quando íamos juntas a algum lugar...

Em casa, naquela casa que eu amo, eu ficava cansada só de ver a senhora trabalhar – o dia inteiro, como é comum entre mulheres e comum na roça.

Eu tentava ajudar, sabendo que minha ajuda era pouca e que a senhora não precisava realmente dela. Mas a aceitava, generosa que é.

Falar em generosidade, não me esqueço, e ainda sinto certa vergonha - de lembrar da senhora carregando minha mochila de viagem sobre a cabeça, como as mulheres costumam fazer aí, depois de tanto a senhora insistir e depois de eu tanto negar. Num certo momento, não consegui ver outra saída senão me render ao absurdo – para o contentamento da senhora, que pude ver em seu rosto. 74 anos na época, corpo ereto, elegante, equilibrando inteiro a mochila na cabeça enquanto eu seguia ao lado, pelo trecho de estrada, um tanto constrangida e com as mãos abanando...

Sensibilidades Antropológicas
suspiros sonoros com inspiração na arte de fazer antropologia



Que saudade eu tenho de tomar aquele café gostoso que a senhora faz. Café, biscoito de goma, o fogão de lenha e aquele banquinho em que eu gostava de assentar perto da janela.

Saudade da senhora.

Não quero demorar ir aí pra gente brincar mais nove, roda, vilão... a senhora lembrar mais versos... a senhora sempre lembra de algum verso que eu não conhecia né? Mesmo 15 anos depois.

Termino então com um que ouvi há muito tempo. Uma homenagem ao nosso encontro nesse mundo e à casinha que a senhora tem aqui dentro do meu coração:

“Ô Dona Antonia/ Essa vai em seu louvor/ O salto do seu sapato/ Corre água e nasce flor”

Bença?



volume da música instrumental aumenta ao final da narração
vinheta de encerramento